

ELDER HERONILDES DA SILVA

**UMA DATA
E DOIS HOMENS**

FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO MOSSOROENSE, Série "B", Número 1306, Novembro de 1995

Co-edição com ETRN/UNED de Mossoró e

Secretaria de Educação, Cultura e Desportos do RN

ELDER HERONILDES DA SILVA

*Para o livro, abraço
com um abraço
ETFRN
01-6-2001*

UMA DATA E DOIS HOMENS

**Doação de Enélio Lima Petrovich
ao Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte. 2003**

Biblioteca Enélio Lima Petrovich
Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte
Ano 2003

FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO MOSSOROENSE, Série "B", Número 1306, Novembro de 1995
Co-edição com ETFRN/UNED de Mossoró e
Secretaria de Educação, Cultura e Desportos do RN

UMA DATA E DOIS HOMENS

Soube, quase ontem, que deveria fazer uma saudação ao nosso sempre estimado Mestre, Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia. E ontem, ao querido amigo e colega José Augusto Rodrigues, também escritor e intelectual como aquele.

Matutar sobre o que dizer, quando muito já tem sido dito, rememorar fatos e acontecimentos envolvendo os dois, quando muito já fizeram, com maior propriedade e sabedoria, foram as questões que me assaltaram de chofre.

Para uma tarefa gigante, escolheram um pigmeu. Para um trabalho de fôlego, que demandaria honestamente vários dias ou meses de pesquisa, me limitaram o tempo e deixaram escoar por entre um anúncio repentino, aquela que poderia ser um instrumento de complementariedade de uma conjugação de exercícios que resultariam, talvez, num esboço de um homem, ou de dois homens, e de sua obra diante dos homens e também diante de Deus.

É impossível limitar o tempo, na caminhada do homem. Mas é possível limitar o homem, na caminhada do tempo.

O homem escolhe o tempo, mas não o muda. O homem fixa a hora para a realização de um acontecimento, mas não a transforma, intrinsecamente, numa outra hora, pois em seguida, já não é aquela.

Ele poderá estar presente no tempo e na hora, mas não poderá transmudá-las em objetos dos seus desejos e intenções, para que não exista o tempo e nem a hora. Ele pode escolher o tempo de construir, pode escolher a hora de erguer as colunas, mas se não as construí-las e nem erguê-las, nem por isso mudará o tempo e nem a hora, que são contínuas e perenes.

Vingt-Un Rosado, sem atropelar o tempo e sem escamotear a hora, tem sabido erguer e construir, nos tempos e nas horas existentes, e que ele sabe irreversíveis, as grandes colunas e os grandes edifícios que se inserem na interioridade de cada ser

humano, alimentando o homem através do aprimoramento dos seus conhecimentos, dando um sentido humanista as suas ações.

Tentaram atropelar o tempo e a hora, pensando atropelar Vingt-Un Rosado, mas esqueceram que ele estava inserido no seu tempo e na sua hora de construir e de erguer, pois sua obra não poderia sofrer, ou ser interrompida pelo azinhavre da indiferença, pelo inércia intencional de alguns ou pela omissão dos que pensando que têm muito, são vazios de sentimentos e de sensibilidade, e terminam não tendo nada, porque ter não é ser.

E Vingt-Un Rosado é, antes de acima de tudo, SER.

E ele é SER, justamente porque é. É o homem que se doa, é o homem que se despoja dos prazeres da vida, para fazer da sua vida, em toda sua inteireza, em toda sua plenitude, um instrumento dinâmico e sempre em movimento, que exige entrega integralmente a sua paixão que é Mossoró, que tem feito radiante e tem projetado pelas grandes obras que tem realizado, e que, engrandecendo o espírito, enaltecem o povo, a gente, a sua história, as suas tradições, os seus costumes e a sua vida, que é a dele própria.

Disse uma vez, e repito com a mesma veemência e com idêntica ênfase, desconheço no Brasil, alguém que tenha feito o que Vingt-Un Rosado tem feito em Mossoró, com essa abrangência, com essa grandeza, com tamanha desenvoltura, com tanta irradiação e com uma dimensão tão impressionante, que tem provocado aplausos até no exterior.

Lembrar as suas obras, enumerá-las, catalogá-las uma a uma, seria fazer do tempo e as horas serem consumidas pelas nossas incubações intelectuais, intermináveis e imorredouras. Seria perpassar os fios da vida, fazendo com que toda uma existência se projetasse diante dos nossos olhos, para que diante da visão de sua grandeza, nos tornássemos cúmplices permanentes e persistentes, dos seus objetivos e dos seus ideais, que são um canto, e melhor seria dizer, um hino de louvor a Mossoró.

Hinos saídos das letras de fôrma, hinos cantados repetidos incessantemente pelos instrumentos de trabalhos, hinos traduzidos em publicações as mais diversas, fazendo Mossoró inesquecível,

invencível, pioneira, libertária e vibrante pela força e pela têmpera do espírito dos que já se foram, dos que estão presentes, como Vingt-Un Rosado e José Augusto Rodrigues, e como consequência disso, pelos que virão.

Certa vez disse, que jamais “haverá alguém com poder suficiente que possa destruir a pirâmide de livros erguidos por Vingt-Un Rosado, pacientemente, e que tem na sua essência, o próprio coração de Mossoró”.

Na verdade, é difícil destruir uma pirâmide de livros, na medida da impossibilidade que é a de destruir o espírito. Pode-se até queimar os livros, jogá-los fora, destruir o que ele significa em termo de matéria, mas o espírito irradiante de suas páginas, permanecerão eternamente. Aí reside, diga-se entre parêntese, a imortalidade acadêmica. Não é o homem acadêmico, que é imortal, mas o seu espírito.

Quiseram, pela inércia, pela falta de apoio, pela indiferença, pela falta de sensibilidade, pela estreiteza de espírito, destruir um patrimônio de significação transcendental, que vai além da nossa pequenez humana, que vai além e muito acima das nossas idiosincrasias paroquiais e das nossas mesquinhas domésticas, mas não domesticadas, que é a Coleção Mossoroense, raiz, fonte e nascedoura da pirâmide de livros que honra esta terra e o seu povo.

E cheguei a fazer uma exclamação um dia. Eu não creio que uma terra que fez a abolição de escravos, que se insere no contexto da nacionalidade como a que primeiro viu e sentiu a presença de uma mulher exercendo o direito de voto, que resistiu bravamente ao temido lampião que tem na essência de seu corpo a chama do pioneirismo, que tem uma chama libertária inapagável, permaneça silenciosa, cruze os seus braços, prenda-se como uma estátua no seu solo, feche os seus olhos com uma venda toldada pelo obscurantismo das idéias e deixe morrer a Coleção Mossoroense, que através das suas publicações faz pulsar os corações até mesmo daqueles que são indiferentes e empedernidos.

Triste em tudo isso, lamentável, em tudo isso, é a eterna e dolorosa ausência do poder público, em seus diferentes níveis, que sempre está onde não devia, e não estar onde devia.

Mas, a Coleção Mossoroense, tal Fênix, ressurgiu das cinzas e fogo que a faz viva, jamais se apagará. E com ela Vingt-Un Rosado, que é seu coração e o seu rosto.

Espero e desejo que Vingt-Un Rosado ponha em seus ombros muitos anos de vida, para que Mossoró possa continuar recebendo em dobro, em triplo e multiplicadamente, por que não?, o que sua inteligência, sua persistência e sua teimosia, carregada de amor, tem legado à cultura de maneira especial, e a Mossoró de um modo geral.

Impuseram-me uma missão, senão impossível, difícil, e mais do que isso, complexa, e mais do que isso, até inusitada, aquela de falar, ou fazer uma saudação a dois grandes homens. Um que aniversaria, e outro que preenche todos aqueles elementos formadores e plasmadores das grandes personalidades que, pelo temperamento, pela dedicação, pela inteligência, pela cultura e pelo cabedal de conhecimentos, atinge o ápice da admiração e do culto dos seus contemporâneos.

José Augusto Rodrigues. Conheço-o de longas datas. Por entre divergências passadas, pelos desencontros havidos, eu na flor da idade e ele nem tanto, eu no arrebatamento natural do verdes anos, e ele dentro da estratificação de um comportamento retilíneo e carregado de responsabilidades maiores, nós dois, pensando diferentemente, sobre idéias e sobre a própria existência, sobre elementos da matéria e do espírito, sobre diretrizes comportamentais e sistemas sociais, tivemos em comum, a grandeza maior do reencontro, do aperto de mão caloroso, do aconchego ardente daqueles que mesmo distantes, tinham como no meu caso particular, latente admiração.

Admirava, sem o saber naquela época, o advogado brilhante, inteligente, culto, correto, intransponível aos limites da ética, irreprovável como causídico, justo e honrado, como um corolário dos ditames de sua própria consciência.

Professor emérito, homem de escól. Homem de princípios arraigados e de fé inabalável, tanto quanto as suas convicções, as quais defendia sem temor, com coerência, com vibrações incontidas e com coragem.

Intellectual dos mais brilhantes, e um cultor da palavra e da escrita, nas quais tem lugar de destaque em Mossoró e no próprio estado.

É um conterrâneo cuja inteligência e sabedoria sempre admirei.

Militou nesta cidade, aqui constituiu família, prestou inestimável serviços, em todas as funções exercidas, que foram várias, todas com elevado espírito público, com devoção, com abnegação e com uma integridade e honradez dignas de encômios e de aplausos.

José Augusto Rodrigues ama Mossoró, tanto quanto nós, a ela tem se dedicado durante toda sua existência. Quando aqui residia e, mesmo geograficamente distante. O seu coração, tenho a inabalável convicção, permanece entre nós, pois o visgo da terra dificilmente nos abandona, fazendo com que os nossos sentimentos, aqui permaneçam, enchendo de lembranças ternas e candentes, os nossos corações.

Tem dado ele, em todos as oportunidades, uma contribuições inestimável a esta terra, em seus diferentes setores e em suas diferentes atividades.

A cultura, de uma maneira mais abrangente, tem merecido de sua parte, inequívocas demonstrações de sabedoria pelo que tem publicado e pelo que tem legado às gerações presentes e futuras.

José Augusto Rodrigues, honra, dignifica e engrandece o solo mossoroense. E aqui, trazendo a satisfação interior, a alegria que não posso conter, de dizer a todos que estão presentes, a honra de poder me colocar, hoje, como, não só um seu admirador, mais como seu amigo.

Portanto, a minha palavra de apreço, de admiração e de respeito, além de reconhecimento, como mossoroense, pelo muito que tem feito por esta terra, quando aqui militou, e mesmo distante.

Esta homenagem, não é só oportuna, não é só feliz, e não é só justa. Ela tem uma significação bem maior, porque ao fazê-la, aos outorgá-la, nós é que nos sentimos homenageados pela sua grandeza e pela sua presença.

Mossoró 25/09/95.

Natal/RN, 23 de outubro de 1995

Caríssimo Vingt-Un:

Agradeço-lhe, e a D. América, as generosas e bonitas homenagens que me foram prestadas, aí, na noite festiva do dia 25 p. p. - **NOITE DA CULTURA**, na Loja Maçônica Jerônimo Rosado.

As homenagens e a própria bonita festa pertencem, por direito adquirido, a você, que é o grande mossoroense, patrono, criador e benfeitor dos monumentos que são a Coleção Mossoroense e a Academia Mossoroense de Letras.

Você tem sido grande em todos os setores aos quais tem dado o melhor de sua vida, a exemplo, além dos citados, o Instituto Brasileiro do Sal (vide Hospital dos Salineiros) e a Rscola de Agronomia).

Mossoró perdeu a oportunidade ímpar do seu desenvolvimento quando, por errôneas ingerências políticas, contrárias às nossas tradições, deixou de fazer de Vingt-Un o nosso Prefeito. Mas... é assim mesmo; você tem sabido ser estoíco, até mesmo fora de tempo, eis que o estoicismo é próprio da velhice, não se coadunando, pois, com a mocidade, em cujo estágio lhe têm sido feridas a alma adamantina e a inesgotável reserva de tolerância (Basta citar o episódio da ESAM, no qual vimos a criatura ensaiar virar-se contra o criador).

A vida é assim mesmo. O que vale é ter a consciência tranqüila.

Voltando à Festa do dia 25: fiquei feliz com as homenagens que nos foram tributadas - a você e a mim. Pena é que o nosso povo não haja comparecido na medida do esperado. Mas valeu, e valeu muito. Mandeí filmá-la e gravá-la. Tenho a fita em meu poder e já me delicieí com a sua audio-visão.

Grato, portanto, pelo gesto de amizade que somente poderia partir do seu coração, do seu espírito iluminado e sob a influência da nossa arraigada estima há anos plantada e irrigada pelos fluidos de nosso amor à terra comum - nosso País de Mossoró.

Seu amigo ex-corde,
José Augusto Rodrigues.

ANEXO

HOMENAGEM DA COLEÇÃO MOSSOROENSE AO GRANDE JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES

“José Augusto foi meu contemporâneo do Santa Luzia.

Recordo a sua seriedade, o seu valor intelectual, a sua dignidade, a sua paixão por Mossoró. Predicados que o acompanhavam pela vida afora.

Da Escola Normnal foi Diretor competente e dedicado.

No Magistério local foi uma das culminâncias do seu tempo.

O ensino do 1º, 2º e 3º graus, contou com o seu saber pedagógico e os conhecimentos especializados das muitas disciplinas que lecionou.

Advogado correto, enobreceu a sua profissão.

Eis um grande de Mossoró, falando de uma das mais empolgantes figuras de educador, que a minha cidade conheceu.

Quem passou pela vida do Cônego Amâncio Ramalho jamais poderá esquecê-lo.

O brilho intelectual, a excelência do professor de português, a oratória fluente, a personalidade inconfundível, a robustez física, que o fazia disputar partidas de bola ao campo, com seus alunos, democraticamente, construíram uma moldura que dificilmente se apagará das nossas memórias.”

(Discurso de Vingt-Un na AMOL, 27.10.89)

Impressão e Acabamento:
Adilson Nunes de Carvalho
Francisco Bento Guerra

Tiragem:
300 exemplares

Impresso na Gráfica da ETFRN/UNED de Mossoró

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RN
UNIDADE DE ENSINO DESCENTRALIZADA
UNED/MOSSORÓ



COLEÇÃO MOSSOROENSE
Títulos editados: 30.09.1949
até 31.10.1995

SÉRIE "A"	85
SÉRIE "B"	1.305
SÉRIE "C"	<u>867</u>
Total de títulos	2.257

Mossoró, 31 de Outubro de 1995

EDITORES: Jerônimo Vingt-un Rosado Maia
Marcos Antônio Filgueira
José Lacerda Alves Felipe

O BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

Circulou entre 30.09.1948 e
Março de 1961, editando 153 números.